

CONDENADOS OU ABSOLVIDOS?

O fascínio causado pelos processos
julgados pelo Tribunal do Júri



Gino Amleto Meneghetti

Histórico

Gino Amleto Meneghetti nasceu em 1878, quando a Itália acabara de unificar-se. O século não terminara e Meneghetti fugia para a França, pois tinha a polícia italiana ao seu encalço já aos dezesseis anos. Foi para Marselha, onde viveu por cerca de 20 anos. A polícia francesa o prendeu e fez o que se fazia na época: expulsou-o para o Brasil (poderia ter sido Argentina, Venezuela ou outro país).

Veio a bordo do navio italiano "Tomaso di Savoia", desembarcou em Santos a 25 de junho de 1913, precedido de um dossiê que a polícia italiana enviou à congênera brasileira. Nele, Meneghetti era já definido (tinha então 35 anos de idade) como "un pericoloso pregiudicato condannato numerose volte per reati alla proprietà e per oltraggio e violenza agli agenti della forza pubblica". Foi para a capital morar com a tia. Conheceu uma moça italiana, Concetta Tovani, com quem teve cinco filhos (três morreram na infância). Trabalhou como servente de pedreiro, carreira tão breve quanto violentamente interrompida: brigou com o mestre de obras e atirou-lhe um balde de cal à cabeça.

Em 1914 é preso pela primeira vez no Brasil. Condenado a oito anos, trabalhou como pedreiro na obra de construção da solitária da cadeia. Erro no julgamento dos responsáveis pelo estabelecimento prisional, presença de espírito de Meneghetti, que construiu a solitária com as grades no topo suficientemente frágeis para ceder ao primeiro impacto. Um dia provocou uma briga e foi mandado para a solitária. Durante a noite, esgueirou-se nu por entre as barras, cantando em voz alta para não despertar suspeitas. Deixou pedaços de carne nas grades. Em sangue, fugiu pelas ruas da cidade, conseguiu roupas na casa da tia e desapareceu.

Um ano depois era preso no Rio. Ficou pouco tempo. Nova fuga; próxima parada, Porto Alegre; depois Juiz de Fora, onde sua esposa o esperava com dinheiro. Antes de deixar a cidade mineira, Meneghetti deu um grande golpe: entre joias e dinheiro, roubou 20 contos de réis, o que era muito naquela época.

CONDENADOS OU ABSOLVIDOS?

O fascínio causado pelos processos
julgados pelo Tribunal do Júri

Em 1919 é preso novamente em São Paulo. Fica seis anos na cadeia. Nova fuga espetacular. No noticiário, transforma-se em mito. Ganha um apelido: Gato de Telhado. Desenvolve uma atividade febril: roubos, assaltos, arrombamentos, fugas espetaculares. O povo simples o transforma num igual, que rouba dos ricos para dar aos pobres (coisa que jamais aconteceu).

Um cerco é estabelecido para apanhá-lo. O delegado Leite de Barros decide prendê-lo a qualquer custo e recebe informações de que uma dançarina de “cabaret” fora sondada por um homem misterioso, de inconfundível sotaque italiano, que lhe oferecera joias para vender. A polícia localiza o valhacouto: Rua Abolição, 31-A. O “Gato de Telhado” foge realmente pelos telhados – sem quebrar uma telha –, mas deixa uma mala cheia de joias e um documento de identidade de Gino Meneghetti. Em 21 de maio de 1926, foi surpreendido “in flagranti” pelos moradores de uma casa que saqueava. Perseguido pelas vítimas e pelos vizinhos, escapou empregando seu método favorito, saltando de muro em muro, desaparecendo. Caiu numa obra, cujo guarda, de nome Honorato, deu-lhe voz de prisão. Disse depois que Meneghetti disparou contra ele, o que o ladrão negaria com veemência.

Pouco depois, armou-se para prendê-lo um dos maiores dispositivos policiais que a cidade tivera notícia até então. Meneghetti comemorava um “golpe” feliz, numa cantina, ao lado de um cantor. Foi identificado por dois policiais que avisaram o Distrito. Armou-se um grande cerco e os policiais invadiram o local. Meneghetti escondeu-se atrás de um tanque, fez vários disparos e atingiu o comissário Valdemar Dória. Pouco depois, subiu no telhado, mas foi preso em uma casa da rua dos Andradas, número 25. Cercado, fitando as armas apontadas, implorou: “Por amor de Deus, não atirem!” Preso, deu seu endereço secreto, onde a polícia encontrou um considerável butim.

Julgamento e condenação: 43 anos, dois meses e 10 dias de prisão. A pena foi, contudo, reduzida para 25 anos. Por uma comutação de pena, em 17 de janeiro de 1945 Gino Meneghetti via novamente a cidade que fora cenário de suas aventuras. Passara 19 anos na cadeia.

Ficou 60 dias em liberdade. Ao tentar novo golpe, foi preso por tentativa de homicídio. As fotografias dos arquivos mostram um Meneghetti desfigurado

CONDENADOS OU ABSOLVIDOS?

○ fascínio causado pelos processos
julgados pelo Tribunal do Júri

por golpes sofridos nas mãos dos policiais. Trava-se uma longa polêmica pelos jornais. A acusação de mau tratamento é reiterada. Ele é condenado a sete anos. Sai em 1952. Dois anos depois, em março de 1954, tenta assaltar uma casa na Vila Mariana, é preso e passa mais três anos entre as grades.

Nos longos anos de prisão (passou 18 na cela 504 do Carandiru, uma grande parte dos quais na solitária), ele aproveitava as visitas oficiais ao presídio para insultar as autoridades e vociferar seu inconformismo. Saiu da prisão, mais uma vez, em 15 de outubro de 1959. A 3 de março do ano seguinte, ganhava, por decisão do governo, uma banca de jornais na esquina da rua Amador Bueno com a Avenida Ipiranga.

No espaço de quatro anos foi preso mais duas ou três vezes, por estar em má companhia, como ficou registrado, ou por atitude suspeita ou, como aconteceu na noite de 22 de setembro de 1964, por carregar joias avaliadas em 150 mil cruzeiros: condenado. Saiu de novo em 23 de dezembro de 1966. Tinha 78 anos de idade. Foi viver com seus filhos na Vila Guarani. Nesse ano, foi queixar-se ao prefeito Faria Lima de que sua banca de jornais fora abandonada enquanto ele estava atrás das grades. Em fevereiro de 1968, tentou roubar uma casa na Vila Mariana. A imaginação era mais forte do que os músculos. Surpreendido, fugiu pelo telhado, mais uma vez, mas num dos saltos (aos 91 anos!) foi infeliz: quebrou as telhas e caiu no banheiro de uma casa.

Ficou um ano preso. Tentou novo golpe no bairro de Pinheiros, aos 92 anos de idade. Surpreendido por um carcereiro, de presença fortuita, não levava documentos. Foi somente na delegacia, na presença do delegado, que Meneghetti declinou sua verdadeira identidade. Teria dito aos policiais: "Não é possível ser um bom ladrão sem ter os ouvidos em bom funcionamento. Acho que terei de me aposentar."

Fonte: Ferreira, Luiz Carlos. Aos 93 anos, Gato de Telhado é preso em Pinheiros. F5. Folha de São Paulo Online, 16/4/14.

CONDENADOS OU ABSOLVIDOS?

○ fascínio causado pelos processos
julgados pelo Tribunal do Júri

Levantamento de dados - Reserva Técnica

FUNDO	TJSP			SUBFUNDO	Reserva Técnica		SÉRIE DOCUMENTAL	Gino Amleto Meneguetti		
SUPORTE	papel	FORMA	original	FORMATO	folha / original		GÊNERO	textual	ESPÉCIE:	processo
TIPO DOCUMENTAL	processo jurídico			DATA LIMITE	1926 a 1931		QUANTIDADE DE PROCESSO	02 Volumes		
REGIONAL	Jabaquara Regional III			OFÍCIO	1º Ofício do Júri		ETIQUETA	2010110039906		
NÚMERO	3508	ANO	1926	PACOTE	3508	ANO	1926	AÇÃO	Crime de Homicídio Doloso	

Descrição de Conteúdo

Consta do inquérito policial que no dia 20/05/1926, Gino Amleto Meneghetti matou o guarda de uma obra, João Honorato, a tiros e facadas. O réu foi denunciado como incurso na pena do artigo 294 do Código Penal brasileiro de 1890 (Decreto n. 847 - de 10 de outubro de 1980).

A denúncia foi aceita. O réu defendeu-se, sendo que até mesmo o Ministério Público exarou seu parecer pela impronúncia. Contudo, Gino foi pronunciado como incurso no artigo 294, § 1º, combinado com o artigo 39, § 7º do Código Penal. No tribunal do júri, Gino foi absolvido das acusações.

Para mais informações, consulte o documento físico na SPI 2.1 Coordenadoria de Gestão Documental
Complexo Judiciário do Ipiranga, Rua dos Sorocabanos nº 680 - sala 53 - Ipiranga spi.gestaodocumental@tjsp.jus.br